

Sonho interrompido. Ou: Uma homenagem a Leidson Acácio Alves Silva

Por Rodrigo Constantino - Revista Veja de 15 Mar 2014

O leitor nunca deve ter ouvido falar em Leidson Acácio Alves Silva. Mas certamente está cansado de ouvir falar em Amarildo, não é mesmo? Leidson não desperta a mesma comoção popular, pois não cai nas graças das ONGs de direitos humanos e dos artistas e "intelectuais" da esquerda festiva. Mas sua trajetória é nobre, e muito triste:

Depois de vir de Minas Gerais para o Rio com a mãe e os três irmãos, ainda na infância, um desentendimento familiar levou o então adolescente a morar nas ruas. Neste período, ele chegou a trabalhar como camelô e borracheiro. Aos 17 anos, Leidson só tinha cursado até a terceira série do Ensino Fundamental. Aos 23, apenas seis anos depois, já era cadete da PM. Além do supletivo que garantiu sua formação, ele também atuou como motorista de reboques na Operação Lei Seca prestando serviços para uma empresa privada.

Sua infância, infelizmente, não é exceção nas "comunidades" que alguns artistas gostam de enaltecer. Famílias desestruturadas, crianças abandonadas, adolescentes nas ruas, falta de ícones decentes para se espelhar. Mas Leidson não escolheu o caminho mais fácil. Não partiu para o crime, o tráfico de drogas, nada disso.

Ao contrário: quis batalhar, trabalhar, ser alguém. E aqui, uma vez mais, a esquerda caviar mostra que vive em uma bolha. Pois quem salvou Acácio deste rumo perdido foi... uma pastora evangélica de Nova Iguaçu. Sabemos como os "intelectuais" que "não" têm preconceito algum nutrem profundo preconceito com os evangélicos. Nessas "comunidades", entretanto, muitas vezes a alternativa é entre o pastor e o traficante.

Seu sonho era entrar para o BOPE um dia, um sonho louvável, uma vocação. Esse belo sonho foi interrompido por um tiro na cabeça, disparado por traficantes durante patrulhamento no Parque Proletário. Acácio era subcomandante da UPP da Vila Cruzeiro. Sua ascensão profissional, assim como sua vida, foram abruptamente destroçadas pela covardia de criminosos que escolheram essa vida nefasta.

Enquanto a vida de Leidson Acácio acabava, junto com seus sonhos, provavelmente uma parcela não desprezível da "festiva" falava de Amarildo, entre uma carreirinha de cocaína e outra, ajudando a financiar os mesmos traficantes que mataram o policial.

Não esperem campanhas de apoio à família do policial, ou festas com gente famosa para levantar recursos para ONGs de seus companheiros em nome dos pobres. Esse pessoal costuma aparecer em cena apenas quando é para difamar a polícia e para defender bandidos.

Os honestos, do lado da lei, de origem muito humilde, mas que venceram os obstáculos e melhoraram de vida, esses não ajudam na narrativa de vitimização dos vagabundos que levam o terror a tantos inocentes, inclusive (e principalmente) aos mais pobres.

Mas saiba, Leidson, que sua morte não foi em vão. E aos seus familiares e amigos, saibam que seu sofrimento é compartilhado por milhões de brasileiros, uma maioria silenciosa, que não goza dos holofotes da mídia, com artistas famosos em campanha para dar destaque, mas que ainda assim lamenta profundamente a perda, e alimenta uma indignação com a impunidade e com a deturpação dos valores morais deste país, que trata bandido como vítima da sociedade e ignora aqueles heróis que combatem esses bandidos.

Veja como publicado:

<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/lei-e-ordem/sonho-interrompido-ou-uma-home-nagem-a-leidson-acacio-alves-silva/>